

Simonsen: Programa acertado com FMI é realista e viável

EDGARDO COSTA REIS

Correspondente

WASHINGTON — O programa econômico negociado entre o Brasil e o Fundo Monetário Internacional (FMI) "é realista e factível", disse ontem o ex-Ministro Mário Henrique Simonsen, assinalando que o êxito no processo de ajuste do balanço de pagamentos dependerá dos esforços para cumprir as condições do FMI e da "boa vontade" dos bancos.

— Não há outro caminho a seguir, a menos que aceitem o pagamento em cruzeiro — observou Simonsen durante palestra no Instituto de Economia Internacional, para cerca de 50 pessoas presentes a um almoço, entre elas o Subsecretário do Tesouro para Assuntos Monetários, Beryl Sprinkle, o Senador republicano Charles Mathias, o Diretor-Executivo brasileiro junto ao FMI, Ale-

xandre Kafka, e John Rosembaum, do escritório do Representante Especial para Comércio da Casa Branca, além de diretores de organizações internacionais e brazilianistas.

O tema da palestra foi a crise financeira internacional do ponto de vista de um país tomador de recursos. Simonsen, que regressou ontem mesmo ao Brasil, começou lembrando que os bancos privados, receptores dos petrodólares, desempenharam um papel importante ao impedirem uma crise depois do primeiro choque do petróleo.

— Os programas econômicos — disse — foram baseados no primeiro choque, não no segundo ou no choque das taxas de juros, acompanhado em 1982 de uma redução do comércio internacional, provocando uma bola de neve na dinâmica da dívida externa. O Brasil, entre os demais países, era o que melhor administrava a dívida, oferecendo freqüentemente estatísticas.

— Temos um problema macroeconómico de ajuste de pagamentos e não de empréstimos bancários — afirmou.

Segundo Simonsen, as soluções à mão eram o que chamou de "mecanismo de cooperação na reciclagem", envolvendo uma organização central, no caso o FMI, para impor alguns controles e políticas de ajustamento. Ou então, colocar todos os bancos juntos e manter, ou aumentar, seus compromissos (exposure) de acordo com o programa do Fundo.

Simonsen defendeu o fortalecimento do Fundo Monetário, já que dessa maneira o volume de empréstimos dos bancos comerciais seria reduzido. Quando se tem déficit no balanço de pagamentos, "o jeito é financiá-lo", e de duas maneiras, segundo ele: uma, indelicada, deixando simplesmente de pagar. A outra é a que se fez, com a participação dos bancos.